Coimbra 2023

O Meu Universo COMO” CHÃO” de Ser e de Porvir

Projeto de livro

(1ª versão)

José Tavares

José Tavares

Professor Catedrático Jubilado da Universidade de Aveiro. Doutorado em Filosofia pela Universidade Católica de Lovaina (bélgica), em 1977,  Agregado em Psicologia da Educação pela Universidade de Aveiro, Portugal, em 1988. Coordenou a área de Psicologia do Departamento de Ciências da Educação de 1980 a 2009 e a Unidade de Investigação Construção do Conhecimento Pedagógico nos Sistemas de Formação (CCPSF) de 1995 a 2006. Foi Director do Departamento de Ciências da Educação da Universidade de Aveiro e Coordenador da Comissão Científica, Presidente do Conselho Coordenador e da Comissão de Gestão do CIFOP-UA, Presidente do Conselho Científico da Escola Superior de Educação de Leiria e Director do CIDInE (Centro de Investigação, Difusão e Intervenção Educacional) entre outros cargos e funções académicos. De destacar, na sua obra publicada, Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem (1985), Uma Sociedade que Aprende e se Desenvolve (1996), Formação e Inovação no Ensino Superior (2003), Manual de Psicologia de Desenvolvimento e Aprendizagem (2007), O Poder Mágico de Conhecer e Aprender (2011) entre outros muitos títulos de livros, capítulos de livros e artigos ao nível nacional e internacional no âmbito da sua especialidade e, designadamente, sobre docência e aprendizagem no ensino superior. Coordenou e desenvolveu vários projectos de investigação financiados por diferentes entidades nacionais e internacionais e orientou 23 teses de doutoramento e 22 teses de mestrado. Participa ainda em alguns projectos de pesquisa e formação, em editoriais de revistas da especialidade e coordenou uma linha de investigação do CIDInE sobre “Docência e Inovação no Ensino Superior”.

**1.**

**Nota de entrada**

**2.**

**O meu Universo**

**3.**

**O meu universo como “chão” de ser**

**4.**

**O meu universo como “chão” de porvir**

**5.**

**Nota de saída**

**6.**

**links de leituras**

1.

**Nota de entrada**

Este projeto de livro continua e procura ir um pouco mais além e, se possível, mais fundo, na linha de outros projetos de livro, em construção, disponibilizados ao leitor no endereço: <https://www.jpctavares.com> e, designadamente, *Analogia, Vertigem e Atração da Exterioridade*; *Atenas e Jerusalém*. São reflexões “de margem”, de fronteira, que acabam por girar em torno­­ da realidade que se quer dizer e representar, mas que acaba sempre por salvaguardar-se no seu próprio mistério inefável que a razão e o entendimento humanos não conseguem atingir e muito menos abarcar e compreender. Por isso, o ver, o sentir, o querer e poder do ser humano que vêm questionando esse mistério desde sempre, dando-lhe voltas e procurando em cada volta do seu olhar ver um pouco mais, ir um pouco mais fundo, colocando mais um raminho na árvore do conhecimento, do saber, da ciência e da filosofia, exprimindo assim um ­­desejo insaciável que aguça o seu engenho e espicaça a sua curiosidade.

Este projeto de livro não irá debruçar-se sobre teorias do Universo com base na história da ciência e da informação que nos chega todos dias através dos progressos da investigação e das tecnologias mais avançadas que o homem começa a ter ao seu dispor. Já há imensas coisas escritas e cuidadosamente ilustradas sobre a fundura e imensidão do universo assim como das descobertas científicas extraordinárias que, de maneira alguma, queremos desdenhar ou diminuir. Pelo contrário, a presente reflexão procura ter em conta tudo isso, ainda que se situe numa matriz de índole mais filosófica e metafísica, de simples amizade pelo saber e querer perscrutar a realidade na verdade da sua própria nudez como modalidade de ser e de porvir. O Universo, nesta modesta meditação filosófica, o meu universo, é o universo como um “chão” de ser e de porvir, onde apenas é possível existir e poder vir a existir como modalidade de ser provinda, participada do SER. É esse o meu universo que procede do SER, está no SER e não pode deixar de ser, pois é pura dádiva do SER sem poder acrescentar nem retirar ser ao SER.

Por isso, começarei por focar o olhar e o filosofar sobre esse meu universo. A seguir direi o que entendo por um universo como “chão” de ser. Depois, tecerei algumas considerações sobre o universo como “chão” de porvir. Por último, deixarei uma nota muito sucinta de saída antes de entregar ao leitor uma segunda versão de mais este projeto de livro que espero possa ser excitante e desafiador. O meu objetivo não é de encher a cabeça de mais informação e conhecimento, mas a partir das principais conclusões que o progresso científico e filosófico nos traz, refletir e tentar ir um pouco mais além sobre tudo o que esse universo envolve e, se possível, sob uma perspetiva distinta.

2.

**O meu Universo**

O meu universo não são apenas os mundos siderais e galácticos, mas tudo aquilo que essa imensidão de realidade existente e possível encerra de modalidades de ser físicas, biológicas, psicológicas, sociológicas, culturais existentes e possíveis na direção do imensamente pequeno, do imensamente grande, do imensamente consciente e do imensamente misterioso em ação e transformação contantes.

Partindo do pressuposto de que, neste universo, tudo o que existe ou possa vir a existir são modalidades de ser, o universo é considerado como um “chão” de ser e de porvir que por não poder ser infinito e eterno, pois não pode esgotar todo o SER, é, por sua vez, também uma representação conceptual. Este é o modelo de universo que, de uma forma ou de outra, anda na cabeça de toda gente mais ou menos desenvolvida intelectual, científica, filosófica ou teologicamente. Mas é, por outro lado, também aqui que continuam a levantar-se as maiores interrogações de sempre cujas respostas que se foram dando e que vêm do fundo do tempo são curtas ou, mesmo, contraditórias, se não tivermos medo de enfrentar a realidade no seu próprio mistério e confessar a nossa ignorância e pequenez.

Este meu posicionamento sobre o universo que, desde sempre exerceu um grande fascínio sobre o ser humano, mais ou menos desenvolvido e letrado, tem um motivo e um contexto que, de alguma forma, permitem perceber o interesse que esta temática me merece. Em 1978, fui convidado para lecionar no Instituto de Superior de Ciências Humanas e Teológicas (ISCHT) da Diocese do Porto e outras dioceses que aderiram a este projeto para dar formação superior aos alunos dos seus seminários maiores. Aceitei o convite e regi duas disciplinas de Filosofia: Antropologia e Cosmologia Científica. Duas disciplinas que, de algum modo, se encontram no centro das grandes temáticas filosóficas: o homem e o Cosmos. Tinha terminado anos antes, o bacharelato, a licenciatura e o doutoramento em Filosofia, na Universidade Católica de Lovaina, de 1973 a 77, e de ter usufruído de uma bolsa de doutoramento do Instituto do Património Cultural de 1975 a 1977 que me facilitou muito a entrega à investigação filosófica e à reflexão durante este último período. Tinha já uma base filosófica e teológica bastante sólida, atualizada e exigente que me fora proporcionada por excelentes professores de que tive a sorte de ser aluno. Tinha, além disso, experiência docente no ensino superior pelo facto de ter regido duas disciplinas no ISET (Instituto de Estudos Teológicos), de Lisboa, em Antropologia Filosófica e História da Filosofia Contemporânea, no ano letivo de 1971/72 e no ensino secundário no ensino da disciplina de Filosofia de 1968 a 71. Por isso, este novo convite chegava numa boa altura e era mais um desafio muito interessante que não poderia desperdiçar. Animava-me também o entusiasmo em lecionar disciplinas de Filosofia a nível universitário que era aquilo que ambicionava, na altura, em termos profissionais.

Por outro lado, tratava-se de temáticas que embora não fossem aquelas que estavam na minha primeira linha de interesse sempre tinham estado muito presentes na minha formação científica e filosófica. Nesse momento, estava efetivamente mais focado em temáticas de interface entre a Filosofia (Filosofia da Linguagem/Fenomenologia) e a Psicologia/Psicanálise pelo facto de ter feito a tese de doutoramento sobre Le Langage de l’Autre chez Emannuel Levinas et Jacque Lacan e de ter orientado a minha investigação nessa direção, de acordo com objeto da bolsa que me tinha sido atribuída.

Na Universidade Católica de Lovaina, uma das mais conhecidas do mundo neste âmbito, as temáticas em torno da Filosofia da Linguagem e da Filosofia das Ciências, foram uma das especialidades que me mereceu maior interesse e de que me foi possível fazer 5 disciplinas com um dos seus Professores mais ilustres, à época, Jean Ladrière. Era precisamente, nessa direção, que iria desenvolver com os alunos, a disciplina de Cosmologia Científica, porventura, numa perspetiva mais filosófica e compreensiva que experimental e descritiva. Dispunha, ainda, de alguns apontamentos, “sebentas” de aulas que me poderiam ser muito úteis. Tive, por outro lado, a sorte de encontrar um grupo de alunos muito simpáticos, disponíveis e dedicados para prosseguir nessa aventura, pelo que o trabalho se tornou muito mais fácil e estimulante. Era possível, de facto, discutir tudo sem grandes constrangimentos desde que fosse com base em argumentos consistentes e bem fundamentados. Felizmente, nunca me tinha sentido constrangido por motivos de natureza ideológica, política ou religiosa.

Para esses alunos e, no contexto da sua formação filosófica e teológica, algumas das questões que se colocavam eram: o que é o universo? Como funciona? Como é? Onde está? Para onde se desloca? Qual o modelo ou modelos de universo? Foi criado? Como? Evoluiu espontaneamente? A partir de quê? Surgiu como um acontecimento espontâneo e evolutivo a partir do nada ou de uma matéria extremamente densa e condensada? Como? Por outras palavras, qual a essência do universo? Qual a sua natureza? Onde se situa? Onde começa? Onde acaba? Será que é infinito, sem medida, no espaço? Eterno, sem medida de duração, no tempo? Questões para as quais continuamos, julgo, a não ter respostas satisfatórias apesar dos avanços da ciência e da tecnologia, dos nossos dias. Podemos, no entanto, filosofar sobre elas. Foi o que fizemos, na altura, e continuamos a fazer agora, ainda que com uma quantidade e qualidade de informação e conhecimento incomparavelmente superiores.

Nomes como Euclides, Kepler, Galileu, Newton, Rieman, Lobatchevsky, Einstein, entre outros, matemáticos e cientistas bem conhecidos que tinham colocado questões muito desafiantes sobre o universo e tentado dar respostas às mesmas que, à época, eram bem conhecidos e incontornáveis, não poderiam deixar de nos obrigar a conhecer as conclusões a que tinham chegado. Com eles partimos, com base na informação e conhecimento disponível, para tentar encontrar uma melhor e maior descrição e compreensão do universo no sentido de responder às perguntas que se nos colocaram e se nos colocam não apenas sobre os níveis da sua realidade científica e da sua representação lógica, linguística e matemática, mas, sobretudo, sobre a sua compreensão filosófica e, eventualmente, teológica que era também um dos objetivos desses meus alunos.

As interrogações que, acima, formulamos, levantavam três questões de fundo, a saber: o que é? Como funciona? E como é o universo? Uma questão mais de natureza ontológica; outra de natureza mais dinâmica, como funciona, como se move ou que tipo de forças se movem ou atuam no universo; e a terceira: que modelos de universo? Daí que o estudo e a compreensão dos modelos do universo colocaram-se, de imediato, bem como os matemáticos, cientistas e filósofos cujos nomes evocamos acima por nos terem apresentado diferentes explicações de universo que não poderíamos deixar de considerar. Esses modelos resumir-se-iam em dois grandes grupos: universos euclidianos e não euclidianos, universos baseados em geometrias lineares, elíticas e hiperbólicas. Pelo que tentar perceber o alcance das suas fórmulas matemáticas acabou por ocupar uma boa parte do nosso tempo e do nosso esforço relativamente aos modelos de explicação apresentados.

Ainda me lembro do trabalho que me deu ter de recorrer e retomar o estudo da matemática para tentar compreender as fórmulas einsteinianas, por exemplo, relativamente ao modelo do universo curvo ou curvado em função do tempo, no contexto das teorias da relatividade geral e específica para ajudar os alunos a percebê-las. Não era uma tarefa fácil porque, na sua grande maioria, tinham uma formação-base de letras em que a matemática se ficava a níveis muito rudimentares. Mas a nossa aventura, neste projeto de livro, não passa por aí, embora reconheça que esses estudos e descobertas continuem a ser pressupostos muito importantes para tentar responder às perguntas que a imensidão do universo e tudo o que ele contém, continuam a colocar, a estimular e a desafiar a curiosidade, a imaginação e a inteligência do ser humano.

O meu propósito, neste momento, procura ir para além dessas fórmulas porque a sua explicação continua muito longe de me convencer e satisfazer. A minha curiosidade pretende ir nas asas e na velocidade do pensamento um pouco mais longe e mais fundo porque na realidade não é apenas a representação linguística que encobre, não deixa ver a realidade, mas também a representação da linguagem matemática e algorítmica da ciência, da nano-ciência e das ciências que incidem diretamente sobre a explicação e compreensão do espírito humano e do comportamento. São coberturas, “testos” que efetivamente não podem nem deixam ver a realidade como ela é, porque a realidade escapa e se esconde na salvaguarda do seu próprio mistério. Ou seja, não se deixa violentar e muito menos algemar nos nossos conceitos mais ou menos extensos abstraídos de termos, palavras, de números ou meta-números.

O meu universo, que aqui gostaria de perspetivar, pretende ser de natureza mais filosófica, ou seja, não ficar tanto na sua descrição científica, mas, sobretudo, tentar penetrar na sua compreensão filosófica em busca das suas causas mais profundas formais, eficientes e finais. Ou, tanto quanto possível, procurar as suas últimas causas, mesmo que estejamos convencidos que não o vamos nem o podemos conseguir. Por outras palavras, como é? De onde procede? E para onde vai o Universo? Sabemos, que a resposta da ciência, apesar do volume de informação que nos tem chegado, através da investigação e estudo que tem sido levado a cabo nestes últimos tempos com os melhores instrumentos que o progresso científico e tecnológico tem disponibilizado, está muito longe de ser satisfatório e de aquietar a curiosidade humana. Acho até que a ciência do ponto de observação em que se coloca, apesar de todo o seu otimismo e autossuficiência, não nos poderá dar essa resposta, mas apenas oferecer contributos certamente muito valiosos e necessários para uma resposta filosófica e, eventualmente, teológica, mais completa. O universo sobre o qual pretendo refletir pressupõe todas estas referências sem qualquer tipo de complexo ou constrangimento, mas a partir daquilo que designo, simplesmente, como nudez do pensamento. É por esta abertura que me apraz viajar pela imensidão maravilhosa do universo e por tudo o que ele contém e pode vir a conter em ser e em porvir na direção do imensamente grande, do imensamente pequeno, do imensamente consciente e do imensamente misterioso.

Uma das representações do universo que vem do fundo do tempo e, de alguma forma, permanece, hoje, no imaginário das pessoas, é a de ser um espaço imenso onde se situam todos os mundos planetários, estelares e galácticos bem como os outros espaços em que cada um desses milhões de mundos se movem e orbitam. Digamos todas as realidades de energias e de massas espácio-temporais existentes no universo nos seus diferentes níveis de complexidade supõem os respetivos níveis de perceção e de linguagem para se exprimir. E aqui gostaria de evocar um cientista, Basarab Nicolescu, que tive o privilégio de conhecer pessoalmente e conversar com ele sobre temáticas similares, numa sua passagem pela Universidade de Évora, que me ajudaram a pensar o universo e toda a informação que me vai chegando sobre ele de um modo um pouco distinto através da correspondência entre níveis de realidade e níveis de perceção.

Sabemos que, aos diferentes níveis de realidade do universo, R1, R2, R3, ... Rn, corresponderiam distintos níveis de perceção ou de representação P1, P2, P3, ... Pn. Estas linguagens são, normalmente, matemáticas com base em definições, axiomas, postulados, etc., que assentam em proposições, conceitos e raciocínios indutivos, dedutivos e analógicos. Acontece, porém, que diante das questões que acima colocamos estas ferramentas da representação que a razão humana nos possibilita se esgotam rapidamente. E também elas, em vez de revelarem, ocultam. Resiste um pouco mais a analogia, mas termina igualmente num silencio incómodo e ensurdecedor. Restará a fé na investigação, na ciência, no progresso científico que o futuro nos trará? Ou será preciso ir à procura mais além? Onde? Junto de Alguém? Que alguém? Deus? Que Deus? De que religião? De que crença?

Neste caso, os meus alunos eram crentes e as questões sobre o mistério de Deus e do universo não poderiam ser abordados fora desse contexto. Ou seja, o universo finito e temporal na sua imensidão não era compreensível sem a existência de um Deus Infinito e Eterno. Mas, por outro lado, ficava a grande questão: se Deus é o Ser e não existe mais Ser que o próprio Deus Infinito e Eterno como existe Deus no Universo e o Universo, com tudo o que nele existe e possa vir a existir, em Deus? Esta é a grande questão a que nem a ciência nem a filosofia conseguem dar uma resposta satisfatória. Concluir que Deus é tudo e tudo é Deus, seja qual for a representação que de Ele se tenha, também não parece ser uma resposta aceitável à luz da ideia que temos do SER simplesmente e de todos os entes existentes e possíveis. Como encontrar algum sentido entre o mistério do universo e o mistério de Deus? Não será através de uma simples dinâmica evolucionista a partir de um momento inicial. Mas a partir de um ato criador em que do Ser tudo procede, o que existe e é possível de vir a existir sem Lhe acrescentar mais SER, Deus. Será por esta via que irei continuar esta reflexão sobre o meu universo como “chão” de ser e de porvir, mesmo sabendo que o mistério estará sempre presente e será impenetrável ao espírito humano.

3.

**O meu universo como “chão” de ser**

Sabemos que tudo o que existe neste universo na direção do imensamente grande, do imensamente pequeno, do imensamente consciente e do imensamente misterioso só pode existir como modalidade de ser. Podemos chamar-lhe o que quisermos matéria, antimatéria, mais densa ou menos densa, mais espácio-temporal ou menos espácio-temporal, energia, espírito, consciência, cultura, sabemos, contudo, que nada pode existir sem ser de alguma forma um modo de ser do Ser Simplesmente, do SER. Assim, o meu universo é como que um “chão” de ser de tudo o que existe e possa vir a existir como modalidade de ser. Mesmo havendo outros universos para além do nosso universo, tudo o que neles exista ou possa vir a existir seria “chão” de ser e de porvir. A esta luz, o nosso universo assume um sentido distinto com tudo o que contém assim como o próprio continente espácio-temporal se considerarmos que tudo o que existe e possa vir a existir se situa dentro de um certo espaço-tempo ou, porventura, além espaço-tempo. Sim, porque tudo o que é universo, seja matéria, antimatéria, buracos negros bem como os seus contentores espaciais e temporais, apenas podem existir ou vir a existir como modalidades de ser que procedem do SER, Infinito e Eterno ou SER Simplesmente.

É precisamente aqui que se levanta a grande questão, que de certa forma, está subjacente a todas as outras: como está o Universo no SER e o SER no Universo ou, porventura, em outros universos possíveis? Para um cientista ou filósofo crente a resposta é mais fácil como a de uma cunhada minha que pedia aos filhos, ao marido, aos familiares e amigos através de um dos cânticos que escolhera para a sua última despedida e que ia ao encontro, julgo, da sua fé firme, convicta e serena: “... não choreis por mim porque eu estou em Deus e Deus está em mim”. Acho que era essa a sua verdade e convicção e foi assim que partiu serenamente. Como sou crente tocou-me profundamente a sua mensagem, pois, todo o meu questionamento vai também nessa direção o que alimenta a minha esperança e me dá uma grande serenidade e paz de espírito.

Um cientista ou filósofo que acredita em Deus como o SER Infinito e Eterno, o universo, com tudo que encerra e possa vir a conter, poderá também dizer “tudo está em Deus como suas criaturas e Deus está no universo como seu Criador e Senhor”. Ou seja, todas as modalidades de ser que existem e possam vir a existir vêm, procedem de Deus, o SER Simplesmente, sem qualquer modalidade ou limitação de ser. Para os não crentes e, que entendem que tudo é fruto de um processo evolutivo furtuito e espontâneo ao longo de milhares de milhões de anos, a explicação e compreensão do universo é bem mais complicada e difícil de sustentar racionalmente com a única ferramenta de que acham poder dispor. O mistério do universo, porém, não se deixa desvendar apenas à luz da razão por mais confiança e otimismo que nela se deposite. É margem ou fronteira intransponível que o ser humano ou qualquer outra modalidade de ser inteligente real ou possível neste ou noutro universo não conseguirá nunca transpor.

Assim, o meu universo com as mais diversas e múltiplas modalidades de ser que nele existem ou possam vir a existir evoluem e movem-se num determinado espaço que é como um espaço de jogo em que também esse espaço ou espaço-tempo de jogo é uma modalidade de ser. Não se trata de um espaço vazio, porque o vazio não existe nem pode vir a existir. O nada como nada não existe porque repugna nos seus próprios termos. Mas o universo na sua ação e transformação precisa de uma espécie de espaço de jogo. O que é e como é esse espaço de jogo enquanto realidade existente? Qualquer jogo que não dispõe de um espaço aberto de liberdade fica bloqueado, não funciona ou termina simplesmente. Mas no universo tudo funciona, tudo é dinâmico dentro das suas próprias leis. Por outro lado, não podemos deixar de perguntar: o quê, quem foi ou quem é o autor, o legislador dessas leis? Estas questões levam-nos sempre ao mesmo ponto de partida de questionamento: sem um primeiro momento ou um princípio criador, o universo não tem sentido, não é minimamente compreensível. Mas mesmo admitindo esse momento ou esse princípio criador, como fica a relação entre esse Alguém e o universo criado em termos ontológicos ou metafísicos. Haverá mais ser depois do que antes? Haverá o mesmo? Como se podem ultrapassar as diferentes formas de panteísmo? Seria racional afirmar que Deus é tudo e tudo é Deus ou que o Universo é tudo e tudo é Universo deificando o próprio universo? Pessoalmente não consigo ir por aí? Mas também não desconhecemos que filósofos insignes como Espinosa tentaram seguir por esse caminho. Uma resposta panteísta, embora possa ser muito séria, não me parece muito consistente racionalmente. Por isso, prefiro seguir o feeling do entendimento e do sentimento que permitem ir mais longe e abrir o caminho da crença e da fé porque o ser humano além de ser um ser inteligente, racional e livre é também um ser essencialmente religioso, religado, dependente, na mesma medida em que recebe todo o seu ser como pura dádiva do SER simplesmente, Deus Infinito e Eterno para os crentes, sem qualquer medida espácio-temporal.

A esta luz, diria, tudo o que existe no universo como “chão” de ser e de porvir não acrescenta nada ao SER simplesmente, mas dele procede como modalidade ser desde as bactérias aos imensos espaços siderais e aos mais diversos níveis de inteligência e de consciência. Luzeiros de ser que procedem do SER, estão no SER que é também, a sua possibilidade de ser e o seu destino para sempre. O que gratuitamente foi dado pelo SER não pode mais ser retirado e voltar ao não ser, ao nada. Este é o grande mistério do Ser e de todas as modalidades de ser existentes no universo, do Criador e da criatura, de Deus e da natureza. É por isso, que tudo no universo, no fundo, é imensamente misterioso e fora do alcance de qualquer racionalidade científica, filosófica e mesmo teológica que não tenha subjacente uma crença, uma fé em Alguém Exterior, Infinita e Eternamente Outro.

 Julgo que este é o caminho possível aberto aos humanos ou a outros possíveis seres inteligentes do universo ou de outros universos para tentar dar respostas às questões que não deixarão de continuar a colocar-se. Só que essa resposta não poderá vir na linguagem das palavras, dos números, dos meta-números, dos conceitos, das ideias, mas do silêncio e da adoração. Adoração, não do universo, mas do SER simplesmente, Deus, Criador e Senhor. Nem um puro cientista, nem um puro filósofo aceitará, porventura, tirar esta conclusão, mas o ser humano que não queira renunciar ao seu desejo mais profundo de ser mais e mais feliz, talvez, não tenha outro caminho a seguir. Sabemos que grandes cientistas e filósofos não tiveram medo de enfrentar essa saída e reconhecer o óbvio que vem do fundo de tudo o que existe como mensagem incontornável: o sagrado, o divino que é a salvaguarda do SER.

Os antigos e essa tradição chegou aos nossos tempos e seguirá, com certeza, para o futuro, quando escolhiam um espaço sagrado de adoração, delimitavam esse “chão” com pedras, árvores, construções diversas e especiais. Os templos, as igrejas, os espaços sagrados, são restos que nos ficam de forma indelével nos quatro cantos do globo, dessa forma de expressar a presença, do sagrado, do divino ou sobre-humano e exterior ao universo. Quando nos referimos ao universo na direção do imensamente grande, do imensamente pequeno, do imensamente consciente e do imensamente misterioso, como “chão” de ser e de porvir é para esse espaço-tempo sagrado que estamos a apontar. O universo como “chão” das mais diversas e múltiplas modalidades de ser é um espaço sagrado, pura dádiva do SER simplesmente, que os crentes chamam Deus sob os mais diversos nomes e invocações.

Gosto de ver aquilo que chamamos de realidade de tudo o que existe e possa vir a existir por esta abertura. Não, para idolatrar o universo com todas as maravilhas que é e que contém, mas para adorar o SER, o Deus que lhe deu o ser e o sustem no ser sem nada se perder de ser nem nada se lhe poder acrescentar de mais ser. É esse o mistério de um universo que existe, que não pode cair no nada de ser, mas que também não podemos aceitar como eterno e infinito porque provem do SER simplesmente, que está sempre presente, nos questiona, e, ao mesmo tempo, nos inquieta e nos serena. Este é meu universo como “chão” de modalidades de ser que jorram como pura dádiva do SER. Sim, porque o universo não pode ser concebível como um espaço vazio, como referimos. Tudo o que nele existe está cheio de ser. E como e por quem foi cheio e quando é que isso aconteceu? Houve um tempo? Como foi esse tempo? Um momento de pura evolução? Um tempo criador? Se houve um momento de pura evolução ou criador, somo seria tudo antes de esse momento acontecer? Qualquer que seja a pergunta que formulemos voltamos sempre ao mesmo ponto? Será possível repetir as questões de outra forma? Julgo que não, e as respostas do engenho humano também não conseguem ir muito mais longe. Que fazer então com a sede de questionar e de querer saber mais que nos habita e nos torna humanos ou seres inteligentes?

Para mim, partir de um momento mais ou menos recuado no tempo de pura evolução em que tudo aconteceu furtuita e espontaneamente, não faz sentido nem me aquieta. Resta-me tentar ir um pouco mais além a partir de um momento criador. Mas também não é fácil, porque se nos coloca, de imediato, uma questão de fundo cuja resposta nos escapa igualmente por completo: e antes desse momento criador? O que havia? O que aconteceu? Como aconteceu? Quando aconteceu? Onde aconteceu? A informação que hoje nos chega através das formas mais avançadas da investigação, da tecnologia e da comunicação não nos dá respostas para este tipo de questões embora nos permitam conhecer melhor os mundos imensos e fantásticos que existem no universo, ainda que aquilo que nos escapa seja incomparavelmente mais maravilhoso e misterioso.

De qualquer modo, confiando nas respostas que o pensamento nos pode suscitar e tentar sempre ir um pouco mais além nas asas do mesmo, talvez, nos seja possível vislumbrar mais qualquer coisa. Aqui, porém, entramos numa certa forma de pensamento redondo que designaríamos de fronteira, de “margem” que os humanos não gostam normalmente de experienciar e, sobretudo, nos modos de pensar e de estar dos nossos dias em que isso tenderia a ser encarado como uma perda de tempo e de energia. Mas acho que este é o único caminho que nos resta para continuar a questionar e a questionarmo-nos.

Seguindo por esta via talvez tenhamos de contar a história da realidade existente e possível do universo de um modo um pouco diferente. É essa forma de olhar, de sentir e, porventura, de crer e de contar que irei tentar exprimir. Se o SER simplesmente, num determinado momento, deu o ser, sem perder nem ganhar mais ser, aos entes existentes, poder-se-ia admitir que antes esses entes não existiam e começaram a existir para sempre, ou seja, sem qualquer possibilidade de votar ao não ser, ao nada. Digamos, são entes que começam no tempo, mas têm como destino o além-tempo, o fora do tempo, a eternidade, porque tratando-se uma pura dádiva de amor do SER simplesmente, por natureza, a posteriori é uma dádiva para sempre, eterna, pois repugna ontologicamente a volta dos entes, nas suas mais variadas e diversas modalidades de ser, ao não ser. O mesmo seria válido para todos os seres, possíveis. Uma pura dádiva de amor do SER não pode ser aniquilada, deixar de ser, embora possa passar por múltiplas modalidades de ser na sua transformação e, mesmo, transmutação no tempo. No meu universo, como chão de ser e de porvir nada se perde, mas tudo se transforma ou transmuta. Esta abertura que a própria ciência acolhe abre algumas perspetivas interessantes, mas precisa de ser entendida de uma forma mais radical a que apenas a fé ou a crença poderão oferecer algum suporte ou possibilidade de entendimento e compreensão.

Quando deparamos com alguns textos bíblicos sobre o fenómeno da ressurreição de que também se encontram vestígios em relatos de outras civilizações mais antigas, emerge a ideia da eternidade na passagem do tempo para o além-tempo. Ou seja, há uma vertente nas modalidades de ser do universo que nos fala de uma certa eternidade no SER do qual todas participam como pura dádiva de amor. O SER, Deus, o Criador não aniquila, não retira o ser a nenhuma das suas criaturas. Poderá ser esta a porta que abre caminho para uma certa ideia de eternidade? Será esta a eternidade prometida aos crentes que a fé na ressurreição deixa antever? O mistério que nos escapa no mesmo momento em que o queremos atingir?

Do ponto de vista metafísico todo o ser se esgota no SER simplesmente. Todos os entes ou modalidades de ser participam do SER sem lhe retirar nem acrescentar mais ser. O mistério do universo como “chão” de ser e de porvir é o de estar e participar do SER simplesmente sem nada lhe poder retirar ou acrescentar no tempo ou no além-tempo. SER Infinito e Eterno, Deus uno e trino é o seu nome. O mistério do universo não pode ser pensado sem o mistério de Deus. É esta luz que nos permitirá, porventura, ver um pouco mais além. Deus é o SER. E fora de Deus Infinito e Eterno não é possível mais ser. Todos os entes existentes e possíveis no espaço e no tempo deste imenso universo procedem do SER como modalidades de ser. O universo que é e contém todas estas modalidades de ser existentes e possíveis procede do SER e está no SER, Deus. Nada pode existir ou poder vir existir sem proceder e estar no SER. Por isso, tudo uma vez vindo à existência participa na infinitude e na eternidade do SER, Deus. Voltar a não ser, a não existir como uma determinada modalidade de ser não é mais possível após ter recebido essa dádiva gratuita do SER. O Universo e tudo o que nele existe e possa vir a existir mergulha para sempre na infinitude e eternidade do SER, Deus, para os crentes.

Para os cristãos este Deus é Pai, em Jesus Cristo, seu Filho Único no Amor do Espírito que enquanto Homem Deus, Deus Encarnado assumiu tudo o que existe e possa a vir a existir no universo por inteiro e o ressuscitou consigo para a vida eterna. A esta luz, de algum modo, a dádiva de ser recebida por todos os seres existentes e possíveis do universo não poderá jamais voltar ao não ser, existirá para sempre. Por isso, tudo o que existe e possa vir a existir como pura dádiva do SER será para sempre, é eterno, abrindo assim uma perspetiva distinta ao próprio universo como chão de ser e de porvir. Será isto defensável racionalmente? Não, pois pressupõe a abertura a uma outra luz, a luz do próprio Deus, um acreditar, um crer, uma religião, uma crença, uma fé.

**4. O meu universo como “chão” de porvir**

Pressupondo que o universo não aconteceu por mero acaso da evolução, mas foi criado por alguém, houve um tempo, porventura, sem tempo, em que foi puro “chão” de porvir. Digamos, teria começado a existir, a ser num determinado momento, no tempo e no espaço, a partir de uma mente criadora infinita e eterna que, de alguma forma, o precederia. Por isso, a origem do universo e de tudo o que ele contém e possa vir a conter é um mistério que se afunda no mistério desse alguém que chamamos o SER, Deus. Aqui, porém, quero focar-me diretamente no universo como “chão” de porvir colocando o acento em tudo aquilo que pode vir a ser e continuará a acontecer, porventura, para sempre, obrigando-nos a considerar o próprio tempo e o espaço a uma outra luz e em ligação com o além-espaço/tempo. Mas, afinal, o que é o tempo e o espaço do universo no pressuposto de que o porvir no ser, como dádiva de amor do SER, não poderá votar ao não ser, ao nada? Será que o designamos por eternidade e tempo de Deus, do Ser, estão ligados e desembocam uma no outro? Como? Será que os cientistas dos nossos dias ainda aceitam na realidade ou acreditam que, na natureza, nada se perde, mas tudo se transforma? E em que tempo ou não-tempo? O “chão” de ser e de porvir do universo estão intrinsecamente ligados na insondável relação: SER/entes, Deus, Criador/criaturas, para os crentes.

Neste momento, gostaria de insistir mais sobre o “chão” de porvir do universo num espaço e num tempo que, de alguma forma, se afunda no além-tempo, como me apraz dizer, mas que o seu verdadeiro nome é o de eternidade. Porvir é tudo aquilo que ainda não chegou ao ser em ato, mas que existe desde sempre como possibilidade na mente de alguém capaz de o pensar, amar e criar como pura dádiva, ou de vir a ser transformado e reorganizado de outra forma, numa modalidade de ser distinta, pela própria evolução de acordo com o plano, a ideia, o sonho que lhe estão subjacentes e que não poderá ser o puro acaso. Tudo permanece no “chão” do ser e tudo está em constante devir no “chão” do porvir. Porvir mostra-nos a face e a dinâmica do próprio ser no momento da sua criação pelo SER ou da sua transformação a partir de entes já existentes de acordo com a ideia criadora de Alguém, Todo-Poderoso e Eterno.

Se nos deixarmos conduzir pela intuição de base da abordagem de Emmanuel Levinas e fizermos um esforço de pensar o universo antes de seu acontecer, na sua an-archê, antes do seu princípio, para assistir ao seu ponto de partida, constataríamos que, nesse momento, tudo seria ainda porvir. Ou seja, tudo o que existe foi porvir e será igualmente porvir tudo o que, neste momento, ainda não existe, mas que é possível de poder vir a existir. O universo como “chão” de porvir remete-nos para esta realidade fascinante e extraordinária que nos questiona, inquieta e nos obriga a pensar de uma maneira diferente, sem algemar ou violentar a realidade nos limites das nossas representações mentais, conscientes e racionais. É essa maneira de abordar a realidade de outra forma que constitui o grande desafio desta aventura cuja metodologia é simplesmente a de tentar abrir caminho com perguntas, porventura, óbvias e repetidas ou pelo próprio silêncio cuja resposta, à partida, não se espera porque não pode ser dada nem compreendida pelos humanos. Por exemplo, se perguntarmos quando e onde começou aquilo a que chamamos “universo” como “chão” de tudo o que existe e possa vir a existir? A resposta será, se formos intelectualmente honestos, reconhecer que nem a ciência nem a filosofia sabem responder, apenas nos apresentam simples conjeturas. Podemos, porventura, imaginar que há muitos milhões de milhões anos se deu um ponto de partida. Mas como? Onde? Quando? A partir de quê ou de quem? E como era antes? Partindo do pressuposto de que o universo não é infinito nem eterno terá de ter havido um começo em algum momento. Quanto ao seu termo, as coisas não são menos misteriosas e as mesmas questões poderiam ser colocadas, tais como: onde, quando, como irá terminar e o que é que fica depois? O nada? Mas o nada, de acordo com o pressuposto metafísico de que partimos não pode existir, porque os entes como dádivas de amor do SER não podem ser aniquilados, voltar ao não ser. É essa, pelo menos, a minha convicção, não obstante as filosofias dos niilismos ou do absurdo que defendem o contrário.

Os panteístas resolvem este mistério mais facilmente, afirmando: tudo é Deus e Deus é tudo. Mas será que resolvem mesmo? Pessoalmente prefiro manter-me na salvaguarda de um mistério insondável que nos ultrapassa e devemos simplesmente acolher humildemente introduzindo Deus, o SER de onde proveio e provirá tudo o que existe e possa vir a existir. Para quem introduz este pressuposto a realidade, a representação e a narrativa científica e filosófica sobre o universo terá de ser muito diferente e disruptiva.

Por mais interessante que se apresente hoje a visão científica do universo dado o fluxo de informação que nos vai chegando graças às tecnologias mais avançadas de que o homem dispõe postas ao serviço da investigação, aqui seguirei o caminho da reflexão filosófica não só por me parecer ser esse o caminho que nos permite chegar um pouco mais longe, mas também por ser aquele onde me sinto mais à vontade e me parece mais plausível, apesar de imensamente misterioso, para abordar essas questões. Ressalvo, no entanto, sempre que a reflexão filosófica não poderá prescindir das conclusões que o progresso científico e tecnológico nos vai disponibilizando sobre o universo.

A esta luz, o universo como “chão” de porvir abre todo um leque de questões e de desafios à nossa curiosidade que poderíamos considerar e que iremos tentar verbalizar e representar mesmo sabendo que acabaremos por violentar a própria realidade misteriosa e insondável que lhe está subjacente, ocultando-a com as roupagens conceptuais, linguísticas, matemáticas e algorítmicas de que dispomos.

Mas se tentássemos recorrer a uma abordagem de não violência procurando a sua verdade através de uma outra roupagem de não violência conceptual, a *alêtheia*, que ao revelar esconde, julgo que não conseguiríamos chegar muito mais longe. A razão de fundo dessa simples constatação seria a de que estamos perante um mistério insondável que o entendimento humano não pode compreender por estar fora do seu alcance. Poderíamos, porventura, enquanto humanos contemplar e descrever este imenso universo como “chão” de ser e de porvir viajando quer no sentido do antes quer do depois numa atitude de recolhimento e adoração. Concluir que tudo o que encontramos antes proveio de um ato de amor gratuito de alguém que tendo em si todo o SER, o doou gratuitamente nas mais variadas e diversas modalidades de ser que foram constituindo este imenso “chão” sagrado de ser, espaço de seres, de entes seria a única saída inteligente, sábia e intelectualmente honesta. Partindo em direção ao depois, ao futuro, no “chão” do porvir, infinitas modalidades de ser poderão vir a existir a partir do SER como pura dádiva de amor sem lhe acrescentar nem tirar nada. Tudo continua em transformação constante, mas nada se perde na relação entre o SER e os seres existentes e possíveis. É aqui que reside o grande mistério que nos ultrapassa, mas não deixa de nos questionar permanentemente. Será por este simples questionar que iremos tentar prosseguir nesta aventura que o ser humano não pode deixar de fazer pois é esse o seu próprio destino.

Mas neste meu universo, o meu ponto de observação é o planeta terra, uma pequena areia na sua imensidão o que me leva a perguntar: além do ser humano haverá outras modalidades inteligentes de ser? E no caso de existirem porque é que Deus veio encarnar através do seu filho neste pequeno planeta, apesar dos seus vastos continentes e extensos oceanos e mares? Foi esta questão que me colocou uma senhora do Porto, durante um almoço, em 1967, tinha eu uns 27 anos e também me interrogava como jovem filósofo e teólogo sobre questões semelhantes. É óbvio que à luz da razão não lhe pude dar qualquer resposta que satisfizesse a sua curiosidade e inquietude porque na realidade não sabia nem poderia saber. Como se tratava de uma senhora crente, inteligente e culta acabamos por filosofar simplesmente sobre o assunto recorrendo àquilo que o Antigo e o Novo Testamentos nos dizem sobre o Verbo Encarnado, o Filho de Deus, Jesus Cristo. Mas aí, teríamos de abrir-nos a uma outra luz: a luz da fé na revelação do próprio Deus.

A essa luz, e tendo conta, que o Deus Encarnado ao redimir e salvar o ser humano assumiu todo o universo, como Deus e Senhor de tudo o que existe e possa vir a existir, o nosso ponto de observação, estudo, explicação e compreensão do universo coloca-se numa perspetiva completamente diferente. E uma pergunta surge naturalmente: será que nos outros espaços siderais e galácticos não haverá outros seres inteligentes possíveis a ser redimidos e salvos pelo Deus Encarnado? Para já a ciência e a Filosofia não o sabem nem o podem saber, mas também não o podem negar. Mas é possível a existência de outros seres inteligentes ou a possibilidade de virem a existir com outras modalidades de ser e de estar neste imenso universo ou em outros universos. E caso existam ou venham existir, será necessitariam de redenção e salvação? E, no caso de existirem, poderiam ser igualmente assumidos pelo Deus Encarnado, Jesus Cristo, como Deus e Senhor do Universo? Não será aqui que se encontra o centro do mistério do SER, de Deus e do universo que escapa a toda e qualquer imaginação e compreensão? E o que é que a ciência, a filosofia nos poderá dizer sobre isto? E a teologia? E as crenças religiosas? Julgo que muito pouco que seja verdadeiramente inteligível à luz da razão.

Resta-me partir à descoberta do imenso universo como “chão” de ser que foi porvir antes do início e continuará a ser e porvir no futuro na mente criadora do SER, Deus, como dádiva de amor do Pai numa relação de geração, de filiação em Jesus, o Deus Encarnado na unidade do Espírito. É à luz deste Deus Uno e Trino que o meu universo assume todo o sentido como “chão sagrado”, divino, de ser e de porvir ou de porvir simplesmente em relação ao SER. Na natureza nada se perde, tudo está em transformação desde o início e no futuro e que se a afunda na eternidade. Em Deus, a dádiva do SER é para sempre e não poderá voltar ao não ser embora se possa transformar eternamente em novas e nas mais modalidades de ser porque a essência do SER é dar-se eternamente sem perder nem ganhar mais SER.

**5. Nota de saída**

Não sei se este meu universo começou, como começou, onde está, para onde vai, como termina ou se termina. Mas sei que, na imensidão e diversidade de tudo o que ele é e encerra, apenas assume sentido para os humanos na medida em que se afunda na infinitude e eternidade do SER, Deus. Isto não é defender qualquer forma de panteísmo, mas, sim, assumir uma atitude de recolhimento e adoração diante de um mistério que não nos é possível compreender. Felizmente, nos nossos dias, a ameaça de fogueiras para hereges já não se coloca e também penso que a ciência também não consegue chegar muito mais longe e terá, no fundo, de reconhecer a sua incapacidade e ignorância que não terá de ser necessariamente agnosticismo e menos ainda ateísmo, mas, porventura, nudez intelectual, crença, abertura a uma fé. Para já acho que não se pode dizer mais do que isto nem sei se poderá ir muito mais além. Só o futuro o dirá. Mas a fé e a esperança para os crentes, em Jesus Cristo, permite ultrapassar, de alguma forma, essa fronteira adorando e acolhendo humilde e simplesmente o próprio mistério insondável e amoroso de Deus.

**links de leituras**

<https://ik-ptz.ru/pt/exam-tests---2014-for-physics/gde-peresekayutsya-parallelnye-pryamye-osnovnye-ponyatiya.html>

(21/02/2023)

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Geometria\_não\_euclidiana](https://pt.wikipedia.org/wiki/Geometria_n%C3%A3o_euclidiana)

(23/02/2023)

<https://www.ime.unicamp.br/~eliane/ma241/trabalhos/nao_euclidiana>

(23/02/2023)

<http://www.pedagogiadavida.com.br/basarab-nicolescu/>

(24/02/2023)

<https://www.google.com/search?sxsrf=AJOqlzXB2-EL2bWL5j9s1KA1tqftwlY16Q:1677368377517&q=Um+universo+sem+medida&tbm=isch&source=univ&fir=0BxjL1PK7KQNXM%252Cx7jR8zYvHSc8QM%252C_%253BVBSq4MM_PCAA6M%252CRFZXcIxj7wFxRM%252C_%253BYZXGCLDxldaDuM%252C0Zz6fUvNlmX3SM%252C_%253Bl_T3G8bPdhbRNM%252CHJ4J_LqaNa-bVM%252C_%253Bcmijg4F4QowTHM%252CRFZXcIxj7wFxRM%252C_%253B90wYwsDNua2X7M%252CUPIFkKMwnUxqHM%252C_%253B1Bj5i-iwyOwMzM%252CMCyUF5AD2F3tZM%252C_%253BCMq4araF5p3huM%252C242PSHB-dD1RhM%252C_%253B5rn37ECcXIQMTM%252CW4kkw45qBuj2yM%252C_%253Bako9pOb346BTuM%252CUv42BSkwlgPayM%252C_&usg=AI4_-kTfQA5s3uzxVt3rWoclIx2DtDWhyw&sa=X&ved=2ahUKEwj-lrKS7LH9AhUpD1kFHQuiAYYQ7Al6BAgYEBI&biw=1339&bih=754&dpr=1>

(25/02/2023)

<https://exame.com/ciencia/10-frases-de-stephen-hawking-para-entender-melhor-o-universo/>

(25/02/2023)

<https://aish.com/stephen_hawking__god/>

(8/03/2023)

<https://en.unav.edu/web/ciencia-razon-y-fe/hawking-y-dios-la-fisica-da-de-si-lo-que-da>

 (13/03/2023)

<https://www.researchgate.net/profile/Robert-Pepperell/publication/268444633_The_Posthuman_Condition_Consciousness_beyond_the_brain/links/546b47960cf2397f7831b9a7/The-Posthuman-Condition-Consciousness-beyond-the-brain.pdf>

(13/03/2023)

<https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/en/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20051225_deus-caritas-est.html>

(20/04/2023)

<https://en.easternlightning.org/faith-qa/truth-of-the-incarnation-2.html?gclid=CjwKCAjwge2iBhBBEiwAfXDBR3Fv8r0ytYgCIE6_agy0vW6Z8_c9TYyG2t6lfrr-50qUWdvVLjS5YhoCYx0QAvD_BwE>

(10/05/2023)

<https://www.sathyasai.org/discour/sathyasaispeaks/volume28/sss28.pdf>

(10/05/2023)

<https://sourcebooks.fordham.edu/basis/aquinas-eternity.asp>

(04/06/2023)